

A PROFECIA QUE NASCE DA ESTERILIDADE: O CÂNTICO DE ANA EM 1SAMUEL 2,1-10

Nilda Nair Reinehr

Convido o prezado leitor e a prezada leitora a acompanhar-me no caminho que vou percorrer, através do texto bíblico de 1Sm 2,1-10, o tão conhecido “*Cântico de Ana*”¹.

Este título já quer fazer perceber por onde caminha o texto bíblico pesquisado. Neste artigo, situarei o texto quanto ao seu gênero literário, estrutura, época, contexto e conteúdo. Em seguida, apresentarei, também, alguns aspectos teológicos levantados no texto, bem como alguns desafios que o contexto de Ana aponta para nossos dias.

I - O POR QUÊ DESTE TÍTULO

O título que escolhi vem do capítulo primeiro de 1Samuel, que fala do *útero estéril* de Ana e do próprio cântico que proclama: “*até estéril pariu sete*” (v.5^o). Daí minha hipótese de que essa “esterilidade” esteja relacionada à profecia.

Posso dizer que na base do “*Cântico de Ana*”, ou da “*reza-prosa*”, como a denomino, está o corpo liberto e salvo da mulher. Esta mulher tem o nome Ana. Ela que faz a experiência de libertação e solta a palavra. Palavra que é consciente, feliz, corajosa, profética e que aponta para o novo!

II - DESENVOLVIMENTO

Meu trabalho é composto de três partes: 1) “*Uma reza-prosa*” é o título da 1ª parte, na qual faço uma tradução própria a partir do texto hebraico², uma análise literária do texto em estudo; delimito-o; defino sua forma e apresento a coesão interna do mesmo; 2) “*O chão da vida da ‘reza-prosa’*” caracteriza a 2ª parte. Nessa, analiso a época e o contexto do texto e, em seguida, apresento alguns desafios para nós, despertados pelo texto; 3) “*Perscrutando a ‘reza-prosa’*” intui a análise exegética e alguns aspectos teológicos do texto.

¹ Esta é uma síntese da tese de mestrado na área de Bíblia defendida por Nilda Nair REINEHR na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, em 12 de agosto de 1998 e que recebe o mesmo título deste artigo.

² Utilizei para esta tradução, como texto base, a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart: 1990, p. 445-446.

1. "Uma reza-prosa" - análise literária

Nesta primeira parte, faço a análise literária do texto em estudo. Vejamos uma síntese desta análise.

1.1 Delimitação

O primeiro ponto é a delimitação do texto. Apresento as características contidas nestes 10 versículos que os diferem daqueles que os antecedem e sucedem, respectivamente. Pode-se retirar nosso texto tranqüilamente e o conteúdo do capítulo primeiro tem continuidade no v.11 do capítulo segundo. É claramente perceptível como 1Sm 2,1-10 muda a forma, o jeito e o conteúdo. De histórico-narrativo passa a sapiencial-poético-salmodiado, depois volta a ser histórico-narrativo.

1.2 Tradução

Em seguida apresento uma tradução e uma estrutura literal do texto, usando critérios estruturais-literários que percebo no texto.

E Ana orou e disse:

*Alegrou-se meu coração em Iahweh,
ergueu meu (minha) chifre em Iahweh,
escancarou minha boca sobre meus inimigos.
eis que me alegrei na tua salvação.*

²*Não existência de santo como Iahweh.
Atenção! não existência fora de ti (sem ti),
e não existência de rocha como nosso Elohim.*

³*Não multipliqueis, não faleis arrogante, arrogante,
sairá insolência de vossa boca.
Atenção! Deus de saberes Iahweh
e por ele³ (foram) examinadas as ações violentas.*

³ Optei pela tradução "e por ele" em vez de "e não" como seria normalmente traduzida a palavra *לו* 'velo' porque esta é uma expressão muitas vezes assim traduzida e também porque na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (p.445) há duas notas, uma massorética e outra no aparato crítico, sugerindo a leitura de *לו* 'e não', para *לו* 'velo' "e para ele", "e por ele".

⁴*Arcos de fortes, despedaçados
e debilitados cingiram força.*

⁵*Saciados no pão, foram empregados
e famintos cessaram.*

*Até estéril pariu sete
e a de multidão de filhos foi abandonada.*

⁶*Iahweh, o que faz morrer e o que faz viver.
O que faz descer ao xeol e fez subir.*

⁷*Iahweh, o que faz empobrecer e o que faz enriquecer.
Abaixa, também eleva.*

⁸*Levanta do pó o magro e,
do excremento levantará o pedinte, para sentar com nobres.
E, lhes concederá herdar trono de glória.*

*Eis que! para Iahweh fundamentos de terra
e assentou sobre eles mundo.*

⁹*Os pés dos seus fiéis guardará
e injustos nas trevas serão destruídos.*

Atenção! Não em força combaterá homem.

¹⁰*Iahweh derrotará os que se opõem a Ele, e nos céus tropejará,
Iahweh sentenciará as extremidades de terra.*

E, dará poder para seu rei.

E, erguerá o chifre de seu ungido.

1.3 Gênero literário, estilo e forma

O gênero literário da "reza-prosa" é poético. É uma forma de canto. É uma forma de salmo, caracterizado por um estilo que faz uso de ligações, interconexões e repetições. Estas vão lhe dando uma forma como que "espiral". O texto também é coeso em si mesmo. Vejamos alguns elementos que evidenciam sua estrutura: Há um verbo que rege o texto todo. É o verbo *רם* *rym* "elevar", "levantar" que dá uma certa estrutura ao texto. Quatro vezes aparece o radical *רם* *rym* (como veremos em seguida) e uma vez, no centro dos quatro, o verbo *קם* *qym* o qual tem o mesmo sentido do anterior:

- v.1^b - *רם* *rym* "ergueu" meu chifre em Iahweh (*רם* *rym*);
- v.7^b - *מרום* *meromem* abaixa também "eleva" (*רם* *rym*);
- v.8^a - *מקים* *meqim* "levanta" do pó o magro (*קם* *qym*);
- v.8^b - *ירים* *yarim* do excremento "levantará" o pedinte (*רם* *rym*);
- v.10^d - *יירם* *veyarem* "e erguerá" chifre de seu ungido (*רם* *rym*).

Se observarmos bem, podemos perceber que das cinco vezes em que aparece o verbo “levantar” quatro vezes Iahweh é sujeito das frases regidas por esta raiz verbal (*rvm/kvm*). E, a única vez que isso não acontece, Ana é sujeito, e aí Iahweh é o complemento causativo da expressão verbal.

Outra característica que interliga a poesia é o nome de Deus Iahweh que se repete nove vezes no texto, perpassando-o de início ao fim (v.1^{b,c}.2^a.3^c.6^a.7^a.8^e.10^{a,b}).

Há duas frases que parecem abrir e fechar nosso texto, formando uma espécie de moldura, reforçando, inclusive, sua coesão:

* v.1^b “ergueu קָרַנִּי *qarni* ‘meu chifre’ em Iahweh” e

* v.10^e “erguerá קָרַן *qeren* ‘chifre’ de seu ungido”.

Vejamos também alguns elementos que evidenciam o gênero literário da “reza-prosa”, dando-lhe um caráter poético. Vários aspectos se repetem. Além do nome de Deus Iahweh, temos a idéia de julgamento da história que aparece três vezes também:

• no v.3^c נִתְקַנּוּ *nitkenu* “examinadas”, “niveladas”;

• nos v.6-8^d através deste movimento do texto – abaixar e levantar –, que dá esta mesma idéia;

• no v.10^b pelo יָדִין *yadin* “sentenciará”.

Os v.8.9.10 parecem ser um louvor, uma exaltação à grandeza de Deus na criação (“fundamentos de terra”, “assentou sobre ele mundo”, “trevas”, “nos céus tropejará”). Isso também se manifesta no v.2 através dos atributos a Deus: “Deus santo”, “Deus rocha”.

Os v.9-10 são ação de Deus a favor dos “justos” contra os “que se opõem a ele” (inimigos). Este “inimigos”, no v.3 são do sujeito que fala e no v.1 são de “Ana”.

1.4 Conteúdo

Esta poesia é especial. Já a introdução a ela diz: “e orou e disse!” Logo faz pensar em reza (orou) e em profecia (e disse). Então é uma poesia “orante-profética”. É **profética** porque no seu desenrolar aparecem claros **elementos de denúncia** (da desigualdade social [v.4-5]), **de crítica** (às autoridades que falam com arrogância e insolência [v.3]; também a palavra “*dabar*” neste versículo, evoca a profecia), **de desafios** (seguir Iahweh e abandonar a idolatria [v.2]) e **de proposta nova** (mudar o jeito de se organizar e viver [v.4-5.10]). Aparece uma consciência clara da realidade e propostas novas, reais e possíveis para transformá-la. Mas, tem outro ponto interes-

sante: Seu conteúdo é de proclamação, de exultação! Se constata alegria, regozijo, felicidade, vitória... (v.1). Isso leva a deduzir uma reza que vai sendo cantada, bailada, “proseada”. Daí o nome que lhe dei: “reza-prosa”: certamente são grupos populares, pessoas conscientes e de fé que se reúnem e analisam a realidade, rezam, cantam, esperam...

Reza, porque é oração popular, oração da fala da vida, do dia-a-dia, do cotidiano. Expressa a vida “de gente”, pessoas, mulheres, que concretamente vivem uma experiência real de um sonho que pré-anunciam;

Prosa, porque, embora sendo de gênero literário poético, expressa um limite muito sutil entre a reza e a prosa. Expressa a relação entre pessoas marginalizadas e excluídas e sua consciência de denunciar a realidade e apontar novas propostas de modo exortativo e celebrativo.

Passamos, então, a análise literária da poesia que, praticamente será aprofundada na exegese da parte 3. Esta análise literária compõe-se praticamente da distribuição do texto e da correspondência das frases e palavras entre si...

2. “O chão da vida da reza-prosa”: análise contextual

Iniciei esta parte da unidade formada pelos capítulos 1 a 3 de 1Samuel, dando a posição de alguns autores, bem como a minha própria posição, em relação à época do texto. Num outro ponto ampliei o bloco dos capítulos em análise desde Jz 17 até 1Sm 12, em busca de um contexto mais amplo. Por fim, trabalhei nosso próprio texto 1Sm 2,1-10 numa tentativa de definir o seu contexto mais específico.

2.1 Época que originou a “reza-prosa”

Num primeiro momento, analiso a época que teria dado origem à “reza-prosa”. Isso fica claro no ponto em que trabalho 1Sm 1-3. Alguns autores, como Sellin e Fohrer, consideram que a “reza-prosa” foi inserção posterior⁴, um enxerto nesta unidade literária de 1Sm 1-3. Esta mesma postura encontramos no *Comentário bíblico San Jerónimo*⁵. Eu, porém, aposto na perspectiva de releitura, originária de uma caminhada histórica, carregada na

⁴ Conforme Ernest SELLIN e Georg FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*, v.1, p.316-318.

⁵ VV.AA., *Comentário bíblico San Jerónimo*, Tomo 1, p.450-451.

memória do povo e relida, na época do exílio da Babilônia, na perspectiva messiânica. Para mim, Samuel é a contra-proposta ao monarca e ao sacerdote e nosso texto tem muito a ver com o desejo e a luta de reconstituir o tribalismo e concretizar a esperança messiânica do povo pobre. A mãe deste profeta, Ana, – autora desta “reza-prosa” – teve papel determinante na sua formação. Dizendo em outras palavras: aposto, portanto, na releitura e não no “enxerto”. A libertação de Ana e de suas comunidades pobres que foi carregada na memória histórica do povo e por fim, relida pela comunidade dos remanescentes da terra, durante o exílio da Babilônia.

2.2 Análise do contexto da época

No bloco Jz 17 - 1Sm 12, analiso o contexto da época a partir da percepção de vários aspectos:

- Lideranças das mulheres:

- mãe de Mica – sacerdotisa, administradora da economia;
- Raquel – pastora de ovelhas, matriarca em relação com a terra santificada;

- Traição dos homens e desrespeito às mulheres:

- Jacó, pai de Raquel trai sua filha;
- Mica, efraimita filho da sacerdotisa (sem nome), a engana;
- Levita que deixa sua “concubina” ser violada, estuprada e assassinada, para se proteger e depois ainda a esquarteja, para reforçar seu poder;
 - as 400 virgens roubadas e entregues como objetos de negócios, bem como as bailarinas de Silo, seqüestradas com a mesma finalidade (ser esposas dos benjaminitas);

- Consciência de luta e de conhecimento da realidade em que as mulheres apontam para o novo:

- a nora de Eli que decreta o final deste sacerdócio de engodo;
- as mulheres que estão nos poços de água e, abordadas por Saul, reverterem a situação de má liderança direcionando-o à Samuel;
- percebem que este tipo de religião arcaica e corrupta, não serve mais, precisa mudar e, para isso, apontam propostas concretas (“reza-prosa”):
 - libertação personalizada leva à libertação social;
 - nova compreensão e fé num Deus libertador, não violento;
 - novo tipo de sacerdócio;
 - justiça no trabalho e na terra;
 - equilíbrio nas relações sociais, sem privilégios;

- Também há discriminação da mulher em relação à comida e à bebida:

- a “renegociação” do Levita com o pai de sua “concubina” se dá através de muita comida, bebida e alegria. E o texto dá a entender que, sem a participação dela (então entendemos que na casa há marginalização da mulher na comida);

- no templo há exploração e exclusão no que tange à comida (1Sm 1);
- há marginalização e exclusão da mulher dos meios de produção (Rt)⁶ e da comida e bebida (Jz 19; 1Sm 1; Rt 1);

Pela análise feita, concluímos que este bloco apresenta, pelo menos, quatro pontos característicos da crise que está levando o tribalismo ao caos:

- a) o desrespeito à pessoa;
- b) a digladição inter-tribal;
- c) a corrupção sacerdotal;
- d) a falta de ética dos líderes.

2.3 Busca do contexto específico de 1Sm 2,1-10

Na busca do contexto específico da “reza-prosa” percebi que o texto carrega consigo um mapa histórico de memórias de libertações, cuja experiência matriz foi cantada por Miriam no livro do Êxodo, capítulo 15,20-21. Miriam canta a experiência a partir de uma sociedade que estava acostumada a ver Deus na força e no poder de um império humano, mas que se apresentava divino, pela força de um exército de homens armados. No êxodo o povo faz a experiência de um Deus que é, que está (Ex 3,14; cf. Ex 6,6), que liberta. É uma libertação com *mão forte e braço estendido*⁷, atitude do soldado de guerra. Mas, é também uma experiência mobilizadora e aglutinadora, que tem uma participação viva e efusiva das mulheres.

Minha conclusão, portanto, é que a “reza-prosa” não teve apenas um fato histórico que lhe deu origem. O contexto não se limita a um momento específico da história, mas permeia uma longa gestação histórica da compreensão

⁶ Mesmo que a Septuaginta seja posterior à Bíblia Hebraica e que esta, e não aquela, seja a fonte de onde parto para fazer esta dissertação, farei uma exceção nesta parte do trabalho e acrescentarei o livro de Rute, como faz a Septuaginta, para a análise e releitura que farei neste ponto 4.4 de minha pesquisa. Faço-o, pela importância teológica que aproxima os livros de Juizes, Rute e Samuel.

⁷ Cf. Dt 26,8.

do Deus Iahweh. Trata-se de uma compreensão teológica que foi produto da dura experiência da escravidão, da marginalização, da exploração e da degradação da mulher. Há neste cântico uma luta e uma busca, desde esta experiência de *aplastamento* até o encontro resgatador da dignidade, da força interior e da alegria, um encontro que liberta para a salvação. Por isso, a “reza-prosa” transforma, faz acontecer a profecia na denúncia das raízes do mal destruidor, pelo anúncio da novidade transformadora.

Nossa “reza-prosa” nasceu em meio às turbulências da violência contra o pobre, o escravo, a escrava e a mulher em geral. É o canto da alegria vitoriosa não surgida da violência e da guerra (p. 92-96). É uma ação de graças que expressa profunda espiritualidade⁸ e tem relação com os demais cânticos de mulheres do A e NT (p. 97). Por ela, se vislumbra que Ana – pessoa-mulher: salva, teóloga, sacerdotisa – é expressão de muitos grupos sociais que o texto nos apresenta (p. 99).

3. “Perscrutando a reza-prosa”: análise exegetica

Nesta parte analisei, em separado e detalhadamente, cada uma das seis estrofes que compõe a “reza-prosa”. Para essa análise o recurso mais usado foi a exegese das palavras hebraicas. Várias descobertas importantes nesta exegese confirmaram minhas suspeitas.

3.1 Deixando o hebraico falar (exegese)

Analisando o texto hebraico, em suas múltiplas possibilidades, descobri a “reza-prosa” como um poço, como uma fonte donde emerge em abundância água límpida, saborosa e curativa.

3.1.1 A 1ª estrofe

Esta estrofe me deu a certeza de que Ana é a autora da “reza-prosa”. Este versículo é marcado por uma densidade de corpo liberto. É a experiência da mulher que se sente corpo, que vibra com seu corpo, que enfrenta poderes estabelecidos com um corpo integrado, livre, personalizado, falante.

⁸ Beatriz Melano COUCH, *Libertação: visão bíblica* – 1Sm 1,1-2,11. In: *Concillium*/270 –1997/2. p. 31-40

Uma palavra importante que quero destacar é a *ישוּעָה* *yexu'ah* “salvação dada por Deus”⁹ que em nosso texto aparece acrescida de uma preposição e do sufixo pronominal (“na tua salvação”) da raiz *ישע יצ'* cujo principal significado é “ser amplo”, “ser espaçoso”¹⁰ e que está na base do nome Jesus. Falo isso porque terá a ver com o final da nossa “reza-prosa” pelo termo “ungido”.

3.1.2 A 2ª estrofe

Destaco nesta estrofe a profissão de fé nela contida e entendida pelo *כי* *ki* “atenção!” e pela expressão *אין* *en* “não existência”, repetida três vezes num versículo de apenas três frases. Nela pude perceber que, com Ana, está um ou estão vários grupos e comunidades, pela profissão de fé em *אלהינו* *'elohenu* “nosso Deus Elohim” (v.3). A mulher e o outro/pobre, tem uma maneira diferente de expressar sua espiritualidade. Carregam dentro de si a força da profecia e a expressão comunitária. Não é a ou o fulano que se destaca, é a força da comunidade, dos grupos sociais específicos.

3.1.3 A 3ª estrofe

Esta estrofe é a expressão da ação concreta, nascida de uma experiência do corpo liberto e da certeza da presença, sem igual, do seu Deus. Agora, com os pés no chão da realidade da vida, Ana analisa onde está a raiz do mal. É a contraposição da palavra do poder dominante contra a palavra de quem, para este poder, não tinha valor. A palavra do poder está matando, destruindo... (visto isso pela palavra *עלילות* *'alilot* do substantivo *עלילה* *'alilah* que pode significar “ações más”¹¹), enquanto que a palavra da mulher está denunciando, salvando, apontando metas concretas (claro na expressão *נקמה עלילות* *naqama 'alilot*).

⁹ Conferir em Ludwig KOEHLER e Walter BAUMGARTNER, *Lexicon in Veteris Testamenti libros*, p. 441. Essa mesma afirmação encontra-se no BDB – abbreviated form of the BROWN-DRIVER-BRIGGS Hebrew Lexicon, p. 447. In: *CD Rom Bible Works for Windows*.

¹⁰ Artigo sobre *עזר* “ajudar” de Fritz STOLZ. In: *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, v.1, p. 1078-1085

¹¹ Cf. Luis ALONSO SCHÖKEL, *Diccionario bíblico hebreu-español*, p. 568.

¹² Cf. *Ibidem*, p.799.

¹³ Cf. Ludwig KOEHLER e Walter BAUMGARTNER, *Lexicon in Veteris Testamenti libros*, p.1028.

אלי *velo' nitkenu* 'alilot "e por ele foram niveladas ações violentas"). 'Sendo que o "ser colocado no nível" é que tem grande peso. A palavra נִתְקַנָּה *nitkenu*, é um verbo que procede do radical כִּן e significa "avaliar", "julgar"¹², "medir", "verificar", "pesar"¹³. Pode ser também, "regular", "aplainar", "fazer entrar no nível", "ser nivelado, ajustado a uma medida estabelecida"¹⁴. E, aqui no texto, está significando a mudança da história (cf. estrofe 4). Por isso digo que nesta estrofe começa a denúncia e se reforça a profecia já iniciada na expressão do seu próprio corpo salvo, liberto, feliz, sonhador (v.1).

3.1.4 A 4ª estrofe

Então, vem o que diria ser a matriz geradora da libertação proclamada e celebrada: a parte mais antiga do cântico, a parte que denuncia concretamente a raiz do mal e anuncia a reviravolta da história que está acontecendo. É muito evidente, nesta estrofe, o que é a força e o poder de Deus. Temos os verbos que mostram isso. Os verbos que se relacionam aos "saciados" e "a que tem muitos filhos" estão na forma passiva. Enquanto que, os verbos que se referem aos que "vencem" ("debilitados", "famintos" e a "estéril") estão no modo ativo. Aqueles e aquelas que andavam frágeis, famintos, magros... têm uma força extraordinária que os faz levantar-se e posicionar-se de maneira nova. E os que pareciam invencíveis caíram, derrubados pela ação de uma força exterior a eles. Caíram de seus tronos de dominação pela necessidade de trabalhar para ganhar o seu pão, o seu sustento. O texto é muito claro nisso através da expressão נִשְׂכַּרְתֶּם בֶּלֶם *balehem niskaru*, que traduzimos como "no pão foram empregados"¹⁵. Isso quer dizer que os poderosos agora são assalariados e seu salário é pão. Vemos aqui acontecendo a justiça no trabalho.

3.1.5 A 5ª estrofe

Esta estrofe nos dá outra definição de Deus Iahweh. Aqui nesta estrofe temos a grande força da ação concreta, ou seja, a força verbal. São muitos verbos (12 – nº da formação do povo de Deus = novo povo, nova comunidade?) e verbos fortes do hebraico, verbos que expressam alguém agindo (11 =

hifil; 1 = piel). Destes doze verbos, 8 são participios. Isso significa que (como o participio necessita de outro verbo que lhe dê regência, por ex. verbo ser "é") pode-se traduzir como "Iahweh é aquele que atua em favor de...". É uma ação preferencial, uma ação direcionada concretamente para grupos sociais concretos: os mais *lascados*: magro; caído no pó; o pedinte que está juntando lixo no excremento... e este alguém é Iahweh. Esta estrofe tem ligação com o נִתְקַנָּה *nitkenu* (v.3), da raiz verbal כִּן "nivelar", "julgar", "pesar", bem como do *tikun*.

Outro termo importante que quero ressaltar, está no v.8 e é o último participio desta estrofe, מְקִיָּם *meqim* da raiz verbal קָם *qvm* que é fazer levantar e permanecer de pé. Uma ação concreta para grupos sociais concretos, como já disse. Há um outro ponto que ressalto em relação a ação de Iahweh. Ele age em favor dos excluídos em nível da justiça. Elevá-los tem uma finalidade bem especial: fazê-los herdar e sentar em "trono de glória". Mas quem herdará o trono de glória? São os דְּלִים *dalim* "magros" e o אֶבְיוֹן *'ebion* "pedinte". A frase כְּבוֹד יְהוָה וְכֶסֶף וְזָהָב *vekiše' kabod yanehilem* "e trono de glória lhes concederá herdar" tem um valor grande na estrofe pois o verbo יָנְהִילֵם *yanehilem* ou o substantivo נַהְלָה *nahalah* "herança"¹⁶ procedem da raiz נָהַל *nahl* que está relacionada com a "herança da terra". Então, além da justiça no trabalho também é necessária a justiça da terra que é dom, graça, bem necessário para todos.

3.1.6 A 6ª estrofe

Esta última estrofe marca a chamada de atenção por iniciar com a preposição כִּי *ki*, "eis que", "atenção". Esta chamada de atenção volta-se para dois pontos mais específicos: a) mostra que o texto faz uma releitura, evocando o Deus da criação, o Deus da história; b) atenta para a não violência que se vê nas estrofes anteriores, a destruição do mal, porém sem guerra e sem violência, pela ação do ticun que conduzirá à plenificação da vida na unidade e na comunhão do messias, do ungido que virá na fragilidade e pureza da criança – o messias esperado! Esta referência ao מֶלֶךְ *melek* "rei" está relacionada

¹⁴ Pesquisado em BDB – abbreviated from of the BROWN-DRIVER-BRIGGS Hebrew Lexicon, p.1067. In: *CD Rom Bible Works for Windows*.

¹⁵ Conferir detalhes in: Nilda Nair REINEHR, *A profecia que nasce da esterilidade: o Cântico de Ana em 1Sm 2,1-10*, (Tese de Mestrado) Faculdade de teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1998. p.149.

¹⁶ Herança, no seu verdadeiro sentido, é direito recebido dos pais, das gerações anteriores ou da tradição, por disposição testamentária. E, no caso do nosso cântico, a herança recebida faz referência à terra dada por Iahweh, no período do tribalismo (Dt 12,10; 19,3).

com o משיח maxiah “messias”, “ungido”. Quem é este rei? Quem é este ungido? É o que trará a “libertação”, a “salvação”. É a ישועה yexu`ah que Ana apontou no v.1^d.

3.2 Aspectos teológicos

A “reza-prosa” nos mostra uma fotografia de Deus com várias facetas:

a) um Deus que favorece e quer a libertação daqueles que a sociedade marginaliza. Deus os acolhe e se alegra com seu “levantar-se”, “erguer-se”;

b) um rosto de Deus bem concreto, inserido na realidade, atuando em favor do pequeno, do pobre, do sofredor;

c) o Deus do texto é o Deus que esconde e revela sua força nos “desfigurados” e “marginalizados. O próprio texto diz na 5^a estrofe: “Iahweh é aquele que”... e, em seguida apresenta uma série de ações suas. Esta é expressão de uma nova profecia;

d) um rosto bonito, alegre e festivo. É um rosto de festa. Um rosto vibrante e audacioso. Muito contemplativo da realidade. Conhece os que sofrem, faz acontecer a vida onde ela está ameaçada;

e) é a face do Deus do êxodo. Libertador e operante, porém não general nem guerreiro. Não tem mais a mão forte e o braço estendido (soldado de guerra). Ao contrário, trás à salvação os que estão no desalento por causa da injustiça (mulher, fraco, criança, pobre, magro, pedinte...). Em sua mão agora está o נִיבְנֵן nitkenu, o “nivelador”;

f) podemos dizer que é o Deus que equilibra a história. Porém sem violência, sem guerra, sem destruição. Faz sentar em lugar de honra, em lugar de glória... o magro e o pedinte;

g) o Deus de Ana não é solidão. É presença, libertação, compaixão, solidariedade.

O texto ressalta Iahweh como uma nova proposta. Aponta para a libertação que vem de Deus. A origem é Deus! A força é de Deus! A iniciativa e a ação são de Deus! Mas a expressão, tanto é de Deus como é da pessoa. Deus está muito presente, em cada pessoa, nos acontecimentos, na história. Deus é real. Deus é concreto. Deus é ação em favor de quem é abandonado. Logo, Deus não é solidão. Está sempre onde alguém sofre. Deus é compaixão, sente a dor causada pela injustiça e atua em favor de quem está sofrendo. Deus é liberdade, faz cantar sem medo o anúncio de sua presença. Faz dizer com boca aberta, com boca escancarada, todo o mal, sofrimento e injustiça, tanto na casa, como no Estado, e nas relações interpessoais.

Ana, ao rezar, proseando e cantando, aponta para um novo Iahweh. A expressão desta fotografia que Ana e os de quem ela é porta-voz faz é a mesma do Iahweh do êxodo. A moldura desta foto muda. Já vimos que o Iahweh do êxodo não é apenas “aquele que é”, é um Deus que faz, um Deus que age, libertando da escravidão, agindo porém, com violência. “Matou os primogênitos dos egípcios... afundou no mar, cavalos e cavaleiros” (Ex 12,29; 14,27-28). O Iahweh que Ana e os seus apresentam não faz uso da violência (1Sm 2,9^c). Este Iahweh intervém na história, fazendo uso da “mangueira”¹⁷ para nivelá-la, acabando com as injustiças, com a humilhação, com a opressão (1Sm 2,3^d). Quem se deixa libertar, muda. Mudando a realidade pessoal, muda a consciência social. Mudando a consciência social, muda a história. De uma maneira ou de outra há transformação!

3.3 Alguns desafios para nossa realidade hoje:

a) os grupos sociais marginalizados, hoje, continuam sendo um grito para nós. É necessário estarmos atentos aos sinais concretos de esperança e de vida que estão em nosso meio. Auscultar a esperança messiânica e do Evangelho vivo, que se realiza em nosso meio. Esta esperança messiânica que Ivone Gebara define como *messianismo coletivo*¹⁸. Precisamos também “ver” o sistema do *sacrifício* que continua sendo exercitado, apesar de Jesus tê-lo eliminado. São os “sistemas de morte” que sugam os excluídos fazendo deles o sacrifício de sua sustentação. É necessário ter consciência do poder (tanto religioso, como político) exercido corruptamente, denunciá-lo e apresentar propostas concretas para transformá-lo. Vimos na “reza-prosa”, entre outras, a libertação pessoal e comunitária e um messianismo pobre e pequeno como proposta concreta;

b) A libertação social não pode prescindir da libertação pessoal. Hoje, mais que nunca, isso se faz necessário. Urge fazer acontecer a reintegração profunda do corpo e sua reabilitação às origens da criação; o novo rosto de Deus que é necessário deixar acontecer na história e não ter medo de vê-lo. Um dos caminhos pode ser o diálogo com o outro. Outro meio também pode ser o ecumenismo. Outro ainda, as celebrações e as festas que expressam a fé ligada ao chão da vida do povo;

¹⁷ “Mangueira” é o nome de um dos instrumentos usados pelos pedreiros como medidor de nível. Há também o “nivelador”, que tem a mesma função.

¹⁸ Ivone GEBARA, Teologia Feminista. In: *Curso de Verão* – ano V, p. 29-45.

c) outro desafio a ser considerado é a questão do “lugar sagrado”, do “poder sacerdotal” e da “salvação”. Onde está? Como as pessoas o vivenciam e procuram?;

d) urge auscultar os pequenos e concretos sinais de libertação que se mesclam com as fragilidades e se escondem nas desfigurações do ser humano, criatura de Deus;

e) outro ponto a ressaltar é a presença, a libertação, a coragem e a oração profética da mulher em toda a “*reza prosa*”. Isso nos desafia, de modo especial a nós mulheres, a assumirmos o mesmo projeto, a mesma postura e a lutar pelos mesmos ideais, a sermos solidárias entre nós e conosco mesmas. Desafia aos que detém o poder religioso em suas mãos a reconhecer que, no Brasil e AL são mulheres em sua grande maioria, que lideram, como sacerdotisas, levando para a frente as comunidades (CEBs);

f) É necessário não deixar se esvair o sonho, a luta e a resistência que estão presentes nas mulheres conscientes de sua dignidade, nos povos indígenas, nas comunidades negras, nos empobrecidos de modo geral. A mesma garra que vimos nas mulheres e pobres das comunidades de Ana.

III - CONCLUSÃO

A exegese feita comprovou que o cântico é de Ana e de sua comunidade. Apresenta propostas concretas na tentativa de abrir caminhos novos revigorando a esperança no povo sofrido.

Aposto na “*reza-prosa*” como um recorrido histórico que, possivelmente, teve seu primeiro impulso no Cântico de Miriam – na experiência de libertação vivida no Êxodo do Egito – desenvolveu-se no período de transição do tribalismo à monarquia e sua releitura final na época do exílio da Babilônia. Apresenta, como proposta concreta para transformar a realidade vivida na época, a justiça no trabalho e a justiça na terra. Apresenta também uma nova face de Deus, não mais guerreiro, porém justo e libertador-misericordioso. E, a proposta de um novo rei: este será pobre, justo e transparente como uma criança.

Concluindo, quero voltar ao título que dei a este trabalho. Disse no início que ele tem seu fundamento no capítulo 1 do 1º livro de Samuel, e também no próprio texto em análise. Realmente há uma referência acentuada em 1Sm 1, dizendo que Ana tinha o útero estéril. Mas, pelo que vimos no trabalho feito, Ana, nada tem de estéril. Ao contrário, a pesquisa feita nos mostrou que a consciência desta mulher, constitui o berço de vários nascimentos, da sua própria reconstrução como pessoa/mulher:

- nasce uma nova mulher;
- nasce uma nova face de Iahweh;
- nasce o filho Samuel;
- nasce um novo povo (comunidades de Ana);
- nasce um novo tipo de sacerdócio;
- nasce justiça em relação à terra e ao trabalho;
- nascem novas relações sociais.

Porque “até estéril pariu sete” (v.5º)!

Nilda Nair Reinehr é Mestra em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.